



KHRONOS, REVISTA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA
APRESENTAÇÃO DO EDITOR

Editorial: Khronos 18

A revista *Khronos* se apresenta regularmente em duas edições semestrais desde 2016, integrando com *Intelligere* e a *Revista de Filosofia e História da Biologia* as publicações do Centro de História da Ciência da Universidade de São Paulo (fundado em 1988). Sem dispor de verbas próprias, é fruto de um esforço voluntário, sendo assim uma satisfação poder dar a lume seu número 18.

Esta edição começa com um texto sobre o uso da fotografia como instrumento científico de observação e registro. Rafael Dall’Olio conta a história do desenvolvimento desse processo aplicado à astronomia, mas estendendo-o a outras ciências e técnicas industriais, discutindo também a “veracidade” fotográfica. Esta questão, que envolve a qualidade da imagem, abrange também a evolução dos instrumentos ópticos e os processos de revelação, em meio à apropriação social desse grande invento do século XIX, a fotografia. É interessante observar como esses argumentos e controvérsias de certa forma subsistem no século XXI, em que as imagens eletrônicas vindas dos telescópios no espaço são ainda sujeitas a interpretações diversas em torno de temas candentes, como a existência de “buracos negros”, o estabelecimento de “limites” do universo e assuntos cosmológicos diversos.

O artigo seguinte é uma contribuição vinda da Ucrânia, de autoria de Emil Ashursky, sobre a intrigante possibilidade de transplante de memória. Desde os experimentos pioneiros e controversos na década de 1960 de James McConnell com planárias treinadas, existem pesquisas para identificar e analisar a bioquímica da memória. Desenvolvida nos EUA, na União Soviética e em outros lugares, a neurobiologia da memória tem avançado com experiências de transplante de células em embriões de ratos e cães, na expectativa de se conseguir alguma forma da sonhada “imortalidade”. Se isto de fato se concretizará é assunto para o campo das neurociências, em que não faltam críticas de um tipo de reducionismo mecanicista dessas tentativas, mas certamente a história de alguns sucessos parciais merece atenção dos historiadores.

É reconhecido o impacto da participação soviética no II Congresso Internacional de História da Ciência na Londres de 1931. Chefiada por Bukharin, número dois na hierarquia, despertou grande interesse por ser a primeira oportunidade de apreciar trabalhos do novo país em congresso científico desde a Revolução de 1917, e atraiu a atenção especial de cientistas britânicos de esquerda. Dentre as comunicações sobressaiu aquela feita pelo físico Boris Hessen, com sua interpretação dos *Principia* de Newton como sendo uma resposta às demandas da burguesia no campo econômico, em particular envolvendo a mineração, navegação e artilharia. Renato Agata apresenta um resumo biográfico abrangente de Hessen e seu artigo expõe a visão de que este cientista, alvo de perseguições em seu país, apelando para uma análise marxista-leninista defendia com sua posição a nova física da mecânica quântica e da relatividade, então denunciadas na União Soviética como “idealistas”. Apesar da repercussão de seu texto, considerado um marco na visão externalista da história da ciência, Hessen foi fuzilado pelas autoridades soviéticas e seu nome conheceu o ostracismo, sendo reabilitado somente após a morte de Stalin. Num amplo e abrangente painel, o autor do texto aqui apresentado discute o congresso de Londres e o artigo de Hessen, apontando para sua fortuna crítica, que não diminui em importância histórica com o tempo.

Os cuidados com a saúde da população passaram a ter um peso maior na política pública a partir da segunda metade do século XVIII. Para Portugal e seus domínios ultramarinos um passo importante neste sentido foi a criação em 1782 da Junta do Protomedicato, em substituição à Fisicatura-mor. Amanda Peruchi, complementando sua já ampla pesquisa sobre a história da farmácia brasileira e portuguesa do século XIX, mostra a relevância de duas regulamentações legais de 1800 que incluíam a prática farmacêutica. A primeira foi um plano para a realização de exames de médicos, cirurgiões e boticários formados no estrangeiro. A segunda visava normatizar a fiscalização de boticas, boticários e lojas de drogas, verificando *in loco* as práticas farmacêuticas. O texto contém ainda a transcrição dos dois planos citados.

Pedro de Souza traz uma análise original da passagem da neurologia para a psicanálise por meio do exame de três vocábulos alemães presentes na obra de Freud de 1895 a 1933. O autor argumenta que, mesmo na permanência dessas palavras vindas do uso médico da época, o contexto para o qual passaram a ser deslocadas na psicanálise freudiana, adquiriu semanticamente na epistemologia de

Freud um significado funcionalista e não mais anatômico-fisiológico. O empreendimento de Freud se iniciou com uma imersão na compreensão funcional das células neuronais, passando depois às hipóteses sobre a dinâmica dos aparelhos psíquicos, e o autor demonstra como o novo sentido das palavras por ele estudadas adquiriu um peso coerente. A história da psicanálise freudiana é um tema pouco explorado pelos historiadores da ciência e o presente texto se torna útil para compreender a obra científica daquele que foi “uma vida para nosso tempo”, nas palavras de seu biógrafo e historiador, Peter Gay.

A associação da teoria evolucionista de Charles Darwin está inequivocamente associada com a ideologia do individualismo e liberalismo capitalista, mercê de sua assimilação do *Ensaio sobre a população*, de Malthus. Richard Montgomery contrapõe a visão competitiva darwinista com a perspectiva humanista de Alexander von Humboldt em termos de meio-ambiente. Humboldt valorizava a cooperação mútua (como o faria futuramente Kropotkin, outro evolucionista antidarwinista), algo que veio a ser desenvolvido no pensamento ecológico e biologicamente reconhecido na simbiose entre espécies. A ideologia darwinista está, segundo Montgomery, ligada à profunda crise ecológica de hoje. De fato, o caráter depredatório das plutocracias econômicas dizima não só a natureza que poderia ser racionalmente utilizada, mas as populações. A perspectiva malthusiana contra a humanidade demanda uma preservação de recursos apenas para desfrute oligárquico, pois o restante da população teria perdido a competição. Neste sentido, o texto aqui apresentado convida a um reexame das teorias evolucionistas e de suas bases ideológicas.

A edição se encerra com uma útil resenha do livro de Andrew Knoll, *A Brief History of the Earth: 4 Billion Years in 8 Chapters* lançado em 2021. Knoll é um conhecido geólogo, especialista em biopaleontologia, especialmente de microfósseis. Emily Nascimento e Marcelo da Cunha apresentam de maneira clara este livro de divulgação científica sobre a trajetória do planeta Terra desde sua formação, direcionado para o grande público.

Desejamos uma leitura proveitosa e agradável aos nossos leitores.

Gildo Magalhães
Editor